

O suicídio do Reitor e a barbárie que nos ronda

A corrupção brasileira é lendária, vem de muito longe e está entranhada na cultura e nos hábitos dos brasileiros. Mesmo assim, sempre caiu mal e causou constrangimentos. Tínhamos e temos vergonha dela. Ela é coisa dos outros, de terceiros, dos políticos, dos governantes. Mas, infelizmente, ela não é nosso único infortúnio. A brutalidade dos muito ricos chama a atenção por se dirigir principalmente contra os mais vulneráveis: os pobres, os moradores de rua, os afrodescendentes, as mulheres, os LGBTIs etc. O Brasil tem um longo histórico de violações de Direitos Humanos básicos.

Sob a alegação de passar o país a limpo, de combater a corrupção, vivemos nos últimos anos um cenário novo e inquietante no país. O judiciário que deveria ser o poder mais isento, mantenedor da democracia e dos direitos, tem atuado de modo bastante enviesado e atabalhado, representando mais a tradicional brutalidade brasileira do que novos tempos de maior honestidade nos negócios públicos.

Sim, a corrupção precisa ser combatida energicamente. Mas, ela não pode ser combatida apenas no final quando as pessoas estão exercendo seus cargos e agindo de modo inapropriado. Ela precisa ser combatida desde o começo, na formação das pessoas para que elas estejam além da corrupção. Ela também precisa ser combatida com a desconcentração das decisões e do poder. O verdadeiro problema e causa profunda da corrupção é a realidade em que os seis cidadãos mais ricos terem tanta riqueza quanto os cem milhões de brasileiros mais pobres.

O combate à corrupção transformou-se em uma fachada moralista, ridícula e hipócrita para ocultar a ascensão ao poder de grupos que não estão submetidos ao voto popular e que não prestam contas de suas ações do um modo apropriado. Se acumulam as vítimas: os vulneráveis de sempre, a eleição presidencial, a democracia, a economia, e agora o Reitor que se suicida.

A hora de reagir está passando e pouco estamos fazendo para evitar a barbárie que bate à nossa porta. São tempos difíceis que exigem de nós coragem e capacidade para resistir aos discursos hipócritas e ao desespero emocional que toma conta das pessoas à nossa volta. É preciso romper com o silêncio e dizer não à injustiça de sempre e de hoje. Tristes tempos em que se tornam necessários pequenos e grandes atos de desobediência à mentalidade tacanha que quer comandar país.